

Escolas de Port Royal: ressonâncias de um passado

Anelise Maria Muller Carvalho

Autora

Anelise Maria Muller Carvalho, Graduada em história, USP Mestre em História pela PUC-SP e Professora no curso Pedagogia das Faculdades Integradas Rio Branco.

Resumo

Neste texto o objetivo é discutir o projeto das escolas de Port Royal, apresentado como um projeto educativo de pouca duração, mas que teve um significado histórico memorável. Discute-se também seus fundamentos norteadores nos aspectos pedagógicos e metodológicos.

Palavras-chave

Escola, projeto educativo, Port Royal.

“A memória não é um depósito de lembranças. É uma atividade e uma procura de significados do passado”.

Ecléia Bosi, 1995.

Na Europa do século XVII, as antigas instituições educativas: família, escola e igreja se renovaram face às novas necessidades da sociedade que se modernizava nos moldes capitalistas. O próprio pensamento educativo apresentou novos enfoques, salientando a necessidade de uma formação moral e racional cada vez mais de caráter civil, formando sujeitos sociais que pudessem vivenciar relações pessoais e sociais, mais secularizadas e laicas. (CAMBI, 1999, p. 279-282).

Nesse sentido vale acompanhar, sobretudo a configuração das escolas, que sob a designação de colégios, estruturaram-se em classes organizadas por idade e definem com precisão seus programas e métodos de ensino. Os colégios jesuítas já se haviam disseminado em várias regiões da Europa, e mesmo no Brasil Colonial, tornando-se uma das instituições escolares de maior reconhecimento no campo educativo (PEETERS; COOMAN, 1936).

Num esforço de se contrapor a essa predominância da pedagogia jesuítica, surgem outras experiências educativas, apresentando um outro olhar pedagógico, uma outra estruturação de escola, como por exemplo as escolas de Port Royal.

Mesmo tendo em vista que as escolas de Port Royal, ou “Pequenas Escolas” como também eram conhecidas, não se configuraram como um projeto educativo que atravessou séculos e nem tiveram grande visibilidade documental, elas apresentaram uma pedagogia muito própria e diferenciada em relação aos processos de escolarização existentes, e que apesar de terem uma duração breve, ficaram famosas e merecem estudos que discutam sua historicidade.

Elas surgem em 1637, criadas por um abade de nome Saint-Cyran (1581-1643), na abadia de Port Royal, perto de Paris. A designação de “pequenas escolas” justificava-se devido ao pequeno número de alunos por classe, ou seja, 5 a 6 alunos, para garantir um bom acompanhamento desses por seus professores. Os educadores de Port Royal seguiam os princípios do Jansenismo¹. Eles defendiam que a educação devia intervir na natureza humana (considerada naturalmente inclinada para o mal), desenvolvendo juízos fundamentados no uso da razão, possibilitando escolhas e práticas sociais corretas do ponto de vista moral e religioso. As seguintes considerações sobre esse projeto educativo são bastante expressivas:

Trata-se de escolas para poucos, cujo objetivo principal é intervir sobre crianças para prevenir e corrigir sua inclinação para o mal. A natureza humana, dominada pelo pecado, segundo a doutrina jansenista, e própria predestinação não devem impedir o educador de “agir como se tudo dependesse de nós. A criança é realmente “possuída pelo diabo antes mesmo de nascer”, mas justamente por isso é necessário ajudá-la e guiá-la no seu crescimento. A “redenção do homem é possível se houver uma potencialização da racionalidade e das suas capacidades de julgamento (CAMBI, 1999, p. 294)

Portanto, o objetivo dessas escolas era desenvolver posturas de julgamento, com racionalidades proporcionais à maturidade das crianças. Além disso, também havia a intenção de formar lideranças bem preparadas para desempenharem papéis sociais adequados para a Igreja e para o Estado. Partindo dessas premissas, o ensino em Port Royal se desenvolveu e percorreu um caminho educativo com preocupações bem distintas e diferenciadas, se comparado ao de outras propostas educativas vigentes naquela época, como por exemplo, a já referenciada educação dos jesuítas.

Em Port Royal defendia-se que as crianças precisavam de amor, piedade, afeto e simpatia para superarem sua “inclinação natural para o mal”. Havia um regulamento para as crianças no qual constava

É preciso vigiar as crianças com cuidado, e jamais deixá-las sozinhas em nenhum lugar, estejam elas sãs ou doentes. (Mas) é preciso que essa vigilância seja feita com doçura, e uma certa confiança, que faça a criança pensar que é amada, e que os adultos só estão a seu lado pelo prazer de sua companhia. Isso faz com que elas amem essa vigilância em lugar de temê-la. (ARIÉS, 1981, p.142)

O abade Saint-Cyran, fundador das pequenas escolas, tinha a infância em alta consideração e conclamava os deveres dos colegas educadores para com as crianças considerando que Jesus

não permitiu que se impedissem as crianças de se aproximar dele, que as beijava e as abençoava, (recomendando) que não as desprezássemos ou negligenciássemos, e que, finalmente, falou delas em termos tão elogiosos e surpreendentes a ponto de atordoar aqueles que escandalizam os pequeninos... (ARIÉS, 1981, p.140)

Esse olhar para a infância, conforme aponta Cambi (1999), orientou os mestres de Port Royal a desenvolverem um projeto pedagógico muito específico, um novo caminho educativo, no qual se ensinavam inicialmente Lógica e Gramática a partir da língua nacional (materna, ou seja, o francês), e só em classes mais adiantadas era ensinado o

¹ Os princípios do Jansenismo baseiam-se nas idéias de Jansênio (1585-1638), bispo e teólogo holandês que considera que o ser humano tem uma inclinação natural para o mal, sendo que a educação pode reverter esta condição humana (LISA- Grande dicionário, 1981).

Latim. A Lógica contribuía para desenvolver a intuição, o julgamento e a ordenação a partir do raciocínio. A Gramática devia favorecer o desenvolvimento da linguagem.

No ensino da linguagem partiam dos autores e seus textos, e não das regras gramaticais. Refutavam o método alfabético, que parte das letras, para as sílabas, para depois chegar às palavras. Nessas escolas o ensino se desenvolvia a partir do método fonético no qual se ensinava preliminarmente as vogais e ditongos, para depois ensinar as consoantes combinadas com as vogais. Combatiam o verbalismo (desenvolvido pela Retórica Medieval), além disso, consideravam a memorização e a simples erudição como práticas pedagógicas vazias de significado, pelas quais não valia a pena despender esforços educativos.

Cada aluno era confiado a um mestre que o acompanhava em seu processo de aprendizagem. Entre seus alunos destacam-se os famosos La Fontaine (autor de fábulas) e o filósofo Blaise Pascal.

Em relação aos professores, vale dizer, que eram educadores bem formados com conhecimentos aprofundados em Literatura e Filosofia, uma vez que se baseavam em autores clássicos, e faziam traduções de seus textos para a língua nacional. Os mestres produziram obras pedagógicas nas quais registraram as linhas educativas e didáticas das escolas de Port Royal, como por exemplo, *Novo método para o ensino de Latim, do grego, do italiano e da geometria* de Claude Lancelot e *Memórias sobre o regulamento dos estudos das letras humanas e a Lógica ou arte de pensar* de Pierre Nicole. (CAMBI, 1999, p.293).

Cabia aos mestres estimular o empenho e esforço de seus alunos, mas também, valorizar a modéstia e autocontrole, não estimulando a competição. Usavam mapas e ilustrações em suas aulas, demonstrando preocupações metodológicas para ensinar e aprender (CAMBI, 1999, p.294).

Nos textos brasileiros de História da Educação há poucas referências sobre as “pequenas escolas” de Port Royal, dificultando pesquisas de alunos e alunas do curso de Pedagogia. Neste texto, as informações apresentadas visam trazer conhecimentos sobre esse projeto educativo, tão distante de nós em termos de tempo e lugar, se considerarmos a época de sua existência. Na miragem desse projeto educativo, convém ter presente que aquelas escolas situavam-se num universo social do século XVII e veiculavam as visões de mundo, de homem e de sociedade daquele contexto. Dessa forma, ainda que puderam gerar posturas e posições comportamentais inovadoras e críticas, elas explicitaram representações e significados dos valores morais e religiosos dominantes. Contudo, na medida em que foram muito estimulados a usar o raciocínio lógico para introjetar os conhecimentos aprendi-

dos, os educandos de Port Royal podiam ter julgamentos e escolhas para enfrentar o dogmatismo religioso de diferentes linhas que se enfrentavam tão fortemente desde o período das reformas protestante e católica.

Vale considerar que os educadores de Port Royal apresentaram um projeto educativo inovador, questionando e mudando aspectos do ensino tradicional dominante, sendo que alguns desses aspectos até hoje se mantêm em alguns ambientes de ensino, como por exemplo: mera memorização de conteúdos, autoritarismo, homogeneidade dos alunos, entre tantos outros – fato que vem mostrar como aqueles educadores das “pequenas Escolas” eram avançados em suas propostas e caminhos pedagógicos.

Outro aspecto significativo do projeto é quanto ao carinho e afeto que os educadores deviam dispensar aos seus alunos, estabelecendo relações educativas de caráter mais humano. E diferentemente dos educadores jesuítas, não centraram atenção em uma disciplina rígida, onde também tem lugar comportamentos de repressão. Havia vigilância sobre os alunos, mas ela era marcada pelo afeto. O tratamento bem individualizado dos alunos permitia que o professor, conhecendo-os em suas potencialidades, pudesse ser de fato um orientador do processo de ensino/aprendizagem, e desenvolvesse um processo educativo altamente significativo para que fossem pessoas de personalidade e caráter consistentes desenvolvidos a partir de raciocínios fundamentados na Lógica. Nesse sentido, o famoso educador e filósofo Anísio Teixeira (APUD PEG, 2001) ensina

A medida que formos mais livres, que abrangermos em nosso coração e em nossa inteligência mais coisas, que ganharmos critérios mais fixos de compreensão, nessa medida nos sentiremos maiores e mais felizes. A finalidade da educação se confunde com a finalidade da vida.

Por fim, cabe ressaltar que conhecer e considerar a história das “Pequenas Escolas de Port Royal” significa também perpetuar sua memória, ouvindo sua ressonância, percebendo que essa experiência de ensino/aprendizagem tem um grande significado de renovação pedagógica.

Assim, contemplar os aspectos pedagógicos inovadores de Port Royal (apontados ao longo deste texto) serve para inspirar práticas educativas atuais para educadores comprometidos, para aos quais a educação é um caminho a ser percorrido para transformar o mundo. Também podemos considerar como aspectos valiosos dessa contribuição que as pequenas escolas de Port Royal desenvolveram um processo educativo mais aberto e humano, expressando sentimentos e opiniões com mais liberdade, estimulando que vidas desabrochassem com um sentido de humanidade mais pleno.

Nesse estudo e conhecimento das escolas de Port Royal devemos ter presente que ao situar-nos em diferentes contextos históricos analisando e interpretando as experiências escolares vivenciadas por educadores e educandos, podemos melhor compreender como essas experiências pedagógicas podem contribuir para mudanças culturais na sociedade, pois em qualquer tempo ou lugar

a educação é uma chave. Chave que abre a possibilidade de se transformar o homem anônimo, sem rosto, naquele que sabe que pode escolher, que é sujeito participante de sua reflexão, da reflexão do mundo e da sua própria história, assumindo a responsabilidade dos seus atos e das mudanças que fizer acontecer. (SERRÃO,1999, p.23)

Portanto, os conhecimentos sobre a história de Port Royal justificam-se quando se considera a educação como uma chave que pode modificar ou alterar a realidade, aglutinando forças educativas, provocando rupturas e instaurando o que se quer como novo, ou seja, o desejado e sonhado. As escolas Port Royal apesar da designação de pequenas escolas, configuram-se como “grandes escolas” pelo significado importante que têm na memória histórica educativa.

Referências Bibliográficas

- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da família*. Rio de Janeiro, Guanabara. Koogan, 1981.
- CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo, UNESP, 1999.
- Grande Dicionário Enciclopédico da Língua Portuguesa – Histórico*. São Paulo, Lisa- Livros Irradiantes, 1981.
- PEC – Formação Universitária. v1. Governo do Estado de São Paulo- Secretaria da Educação/ USP/UNESP/PUC-SP, 2001.
- PEETERS, Francisca e COOMAN, Maria Augusta. *Pequena História da Educação*. São Paulo, Melhoramentos, 1936.
- SERRÃO, Margarida e Maria C. Baleeiro. *Aprendendo a ser e a conviver*. São Paulo, FTD, 1999.